

Biblioteca Anarquista



Sapatos de madeira ou sapatos plataforma?

Sobre a “Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários”

Bob Black



Bob Black

Sapatos de madeira ou sapatos plataforma?

Sobre a “Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários”

27-03-2003

Extraído de

<https://theanarchistlibrary.org/library/bob-black-wooden-shoes-or-plat>:

em 19-12-2019. Publicação online original em

<http://web.archive.org/web/20030327101023/http://>.

Nota dos editores: O texto original incluía referências às páginas da edição irlandesa do texto da plataforma organizacional. Considerando que essa versão da plataforma nunca foi traduzida para o português e que, caso fosse traduzida, seria necessário revisar todos os números de página, as referências foram omitidas.

bibliotecaanarquista.org

27-03-2003

Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários. Por Nestor Makhno, Ida Mett, Pyotr Arshinov, Valevsky & Linsky. Dublin, Ireland: Workers' Solidarity Movement, 1989.

O fato dos anarquistas organizacionais de hoje terem exumado (não ressuscitar) um manifesto que já era obsoleto quando foi promulgado em 1926 atesta a sua falência ideológica. A *Plataforma Organizacional* deleita-se em uma permanência imperecível: naquela época extemporânea, agora extemporânea, eternamente extemporânea. Na intenção de persuadir, ela provoca ataques à quase todos os anarquistas que se destacam em seu tempo. Com o objetivo de organizar, ela promove rupturas. Na intenção de reafirmar a alternativa anarquista sob a Marxista, ela reafirma a alternativa leninista sob o anarquismo. Com o objetivo de fazer história, ela mal consegue se fazer presente nos livros de história. Por que a ler hoje?

Exatamente por ela, por pior que seja, nunca ter se superado como um estado programático do anarquismo organizacionalista e trabalhista. Não que os trabalhadores daqueles dias passados merecessem ser selados pelo arcaísmo da mesma forma que a política Plataformista faz em relação aos camponeses para os quais muitas palavras são dirigidas. Mas muito da retórica é familiar – tão familiar que as formulações em circulação aparentemente não podem ser melhoradas. A *Plataforma* talvez tenha tido grande influência sob aqueles que não foram grandes influenciadores.

Na linguagem evocada nas recentes reclamações sobre o “anarquismo de estilo de vida” – prontamente marcada pela conotação depreciativa – a *Plataforma* atribui a “desorganização crônica e generalizada” dos anarquistas aos “amantes da afirmação do ‘eu’, [os quais] com um ponto de vista unicamente de seu próprio prazer, obstinadamente agarram-se ao status caótico do movimento anarquista”. A ausência de princípios e práticas organizacionais é a ‘mais importante’ razão do porquê o anarquismo é fraco. O mais deplorável é a afirmação de um direito de “manifestar o próprio ‘ego’, sem a obrigação de dar conta de deveres e compromissos com a organização”. É notável que, em 1926, estes anarquistas não consideraram mais importante do que qualquer causa de fraqueza interna o tipo de repressão estatal que todos eles experienciaram, ou a influência dos Comunistas que os derrotaram e os exilaram, ou até tendências ao

desenvolvimento capitalista que corroíam as bases sociais do anarquismo. A *Plataforma* é um triunfo da ideologia sob a experiência.

Nenhum documento deste tipo será completo – o *Manifesto Comunista* é de uma outra espécie – a não ser que comece com alguma forma de varredura, falsificações categóricas da história. Todo mundo sabe que não é verdade que “toda a história humana representa uma cadeia ininterrupta de lutas empreendidas pelas massas trabalhadoras por seus direitos, liberdade e uma vida melhor”. Durante longos períodos a “massa trabalhadora” esteve letárgica. Em outros momentos – inclusive nossos, em muitos lugares – as lutas têm sido limitadas a pequenos contingentes de militantes. “Na história da sociedade humana a luta de classes tem sido um fator primário para determinar a forma e a estrutura dessas sociedades”.

Talvez, há muito, muito tempo, em uma galáxia muito, muito distante... O espaço não permite listar todas das sociedades em que isto não é totalmente verdadeiro (bem como a América colonial, ou a antiga Grécia, ou a Inglaterra Anglo-saxônica, ou o Japão Tokugawa, ou...).

Qual é o objetivo destas tolices históricas, destas devoções proletárias? É dar ao leitor a sensação de que se ele deve misturar isso com a sociedade de classes, ele é parte de uma determinante primária da história, mesmo se, como acontece frequentemente, seus esforços não determinarem nada.

Em seguida, Makhno & Co. discutem como “o princípio da servidão e da exploração das massas pela violência constitui as bases da sociedade moderna” (só da sociedade moderna?), eles repetem muitas formas da dominação institucional e ideológica. Mais do mesmo. A conclusão: “Análises da sociedade moderna [“descrições” seria mais apropriado] conduzem à conclusão de que há apenas uma forma de transformar a sociedade capitalista em uma sociedade de trabalhadores livres, por meio da revolução social violenta.” Huh? Há um termo faltando no meio disso, talvez algo como “se a sociedade capitalista é muito forte, então ela só pode ser derrubada por meio de uma violenta revolução social”. Mas outras consequências são concebíveis, por exemplo, “se a sociedade capitalista é muito forte, resistir é inútil, você será assimilado”, ou “se a sociedade capitalista é muito forte, a única forma de derrubá-la não é resistir a ela em seu próprio terreno de violência”. Cada uma destas afirmações é tão dogmática e inverificável quanto as outras.

A luta de classes permitiu o nascimento da ideia de anarquismo, a qual não veio – os camaradas são muito insistentes – “de uma reflexão abstrata de um intelectual ou um filósofo”. Isto é obviamente mentira. O

anarquismo moderno como algo que conta com a continuidade histórica da ideia de Proudhon, que foi tanto intelectual quanto trabalhador e que não estava engajado na luta de classes nem pensava sobre isso em 1840. “Os pensadores anarquistas excepcionais, Bakunin, Kropotkin e outros”, descobriram a ideia de anarquismo nas massas – uma extraordinária parceria de clarividência, já que as massas não faziam ideia que a ideia era delas. Se Bakunin teve a ideia do anarquismo a partir da luta de classes, isso levou muito tempo. Kropotkin recebeu a ideia dos trabalhadores suíços na Federação Jura, os quais conceberam seu anarquismo a partir de Bakunin. Como ele escreveu em seu *Memórias do igualitarismo* – ele não menciona a luta de classes – mais que qualquer outra coisa, ele escreve sobre de quem ele apreendeu o anarquismo.

A *Plataforma*, como o catecismo, não pode acomodar complexidades, pluralidades ou incertezas. A ideia deve ter apenas uma origem e um caminho para seguir. Se as massas originaram a ideia, então nenhum indivíduo a concebeu. Se o anarquismo não pode ser reduzido ao humanitarismo, então ele não pode ser de forma alguma um produto do humanitarismo e não importa se houveram indivíduos reais (Willian Godwin, por exemplo) que chegaram ao anarquismo por levarem suas versões de humanitarismo (no caso do Godwin, utilitarismo) até sua conclusão lógica.

Depois de algumas restrições simples sobre a democracia, os social-democratas e os bolcheviques, os plataformistas, falando sobre isso, dizem, contrariando os bolcheviques, “as massas de trabalhadores têm enorme criatividade e possibilidades de construção inerentes.” Mas ao invés de deixar a natureza seguir seu curso, antes da revolução a União Geral dos Anarquistas – GUA (não confunda com a União dos Egoístas) esteve preparando as massas para a revolução social por meio da “educação libertária” – mas isso não é o suficiente. Depois de tudo, se isso fosse o suficiente, não haveria necessidade de uma União Geral dos Anarquistas.

O GUA tinha o objetivo de organizar os trabalhadores e os camponeses, enquanto classe, “nas bases de produção e consumo, penetrados pelas posições anarquistas revolucionárias”. Esta escolha de palavras também se revela infeliz. “Consumidores” organizados significa cooperativas, mas o significado de organização em torno da produção é surpreendentemente confuso para uma plataforma trabalhista. Os camaradas são anti-sindicalistas, apesar de, com óbvia desonestidade, professarem posturas agnósticas sobre a escolha entre comitês de fábrica ou sovietes de

multiplicidade de organizações anarquistas apenas consegue aumentar a multiplicidade criando mais uma.

trabalhadores (suas preferências) e os sindicatos para organizar a produção.

Contudo, as uniões sindicalistas deveriam ser empregadas como um meio, “como uma das formas do movimento revolucionário de trabalhadores”. Anarquistas da GUA deveriam, supostamente, levar a união para uma direção libertária, algo que mesmo os sindicalistas revolucionários, sem terem uma “teoria determinante” e tendo que lidar com a diversidade ideológica dos membros, não podem ser contabilizados para realizar este dever. Mas isto não é somente mais da “educação libertária”? Isso é claro, anarquistas “devem entrar nos sindicatos revolucionários como uma força organizada, responsável por realizar trabalhos na união antes [?] da organização geral anarquista e, a partir de então, serem orientados por ela”. Em outras palavras, tomar a organização de outros para seus propósitos, não o deles. Claro, isto é para o próprio bem deles. Essa parte da *Plataforma* não é muito usada pelas organizações contemporâneas, enquanto sindicatos revolucionários, eles não deveriam se infiltrar em lugar algum e até se fossem fazê-lo deveriam conhecer mais sobre eles antes de tentar começar algo, coisa que nunca fazem.

O atual interesse na *Plataforma* presumidamente foca-se no clima das “seções organizacionais”. Tendo denunciado até certo ponto “todos os programas mínimos dos partidos políticos socialistas”, nessa seção os autores estabeleceram que seu esquema aparentemente é o mínimo para o qual é necessário e urgente reunir todos os militantes do movimento anarquista organizado!. Repetitivamente, a *Plataforma* exige que todos os militantes sigam construindo a União Geral de Anarquistas e que não promovam qualquer ação revolucionária não autorizada pela organização. “A prática de ações a partir de interesses individuais devem ser terminantemente condenadas e rejeitadas” pois a revolução “é profundamente coletiva por natureza”. Talvez, no final das contas, nunca tenha havido uma revolução que não tenha sido preparada por várias atividades de indivíduos e grupos (usualmente pequenos). E a não ser que se considere o golpe de Estado dos bolcheviques, nunca houve uma revolução ordenada e conduzida por uma organização de vanguarda. A *Plataforma* é imperscrutável como um programa anarquista exceto como uma reação ao anarquismo derrotado na Rússia. Os perdedores, colocados no exílio (e, no caso de Makhno, em seus copos), fetichizaram a unidade precisamente porque ela é sempre inatingível nestas circunstâncias. Eles tinham um ódio moldado pela inveja e demoraram para virar o jogo contra os vencedores. Eles têm

que acreditar que poderiam ter vencido – e talvez poderiam, como Voline, seu crítico, acreditava – não fosse assim seus sacrifícios teriam sido inúteis. Significativamente, a primeira frase deles invoca, no sentido religioso da palavra, “o heroísmo e os inúmeros sacrifícios feitos pelos anarquistas na sua luta pelo comunismo libertário”.

“A teoria representa a forma com a qual se direciona as atividades das pessoas e das organizações ao longo de um caminho definido para um fim determinado. Naturalmente isso deve ser comum a todas as pessoas e organizações que aderem a União Geral”. Se a crítica às armas falha, os plataformistas pegam as armas do criticismo. A organização dita os fins e os significados para “todos os militantes”. Mas a teoria não existe para guiar diretamente a atividade, como no atual “estado caótico do movimento anarquista”. Líderes teóricos traduzem a teoria em ordens. Estou exagerando? A União “exige de cada membro que aceite obrigações fixas e demanda execuções de decisões comunitárias”. A União indica frequentemente ‘métodos táticos’ para todos. Ao se tornarem uniformes e previsíveis, os revolucionários conferem uma imensa vantagem aos seus inimigos. Tomando “uma linha firme contra o individualismo irresponsável”, a União perde os benefícios da responsabilidade individual.

A divisão entre os líderes e os liderados não é restrita ao “comitê executivo” no topo da hierarquia (chamada de “federalismo” pela *Plataforma*). “Toda organização que aderir a União representa uma célula vital do organismo comum. Toda célula deve ter sua secretaria, executando e guiando teoricamente a política e a técnica trabalhada pela organização”. Eu me lembro de nada mais que a famosa capa do *Leviatã* de Hobbes, representando um gigante com a cabeça de um rei e o corpo formado por uma multidão de pequenas pessoas. Exatamente nesse ponto da história os fascistas estavam expressando a ideia de um organismo metafórico similar. Note que a secretaria faz ambas as coisas: propõe e dispõe. Na sua capacidade de guia teórico, ela toma a iniciativa de transmitir e interpretar as direções da União e, na sua capacidade executiva, organiza e supervisiona sua implementação. Os da base e do topo são só condutores.

A edição do Movimento Solidário dos Trabalhadores, sem nem mesmo indicar, omite várias passagens interessantes da *Plataforma* que são citados em *Preocupações da Plataforma para a Organização dos Anarquistas*, uma refutação de Voline e outros anarquistas russos. Por exemplo, “Nós acreditamos que as decisões dos soviets serão acatadas pela sociedade sem decretos e coerções. Mas tais decisões devem ser obrigatórias a todos

que tenham aceitado-as [como? por quanto tempo?] e sanções devem ser aplicadas aos que rejeitarem.” Isto é o Estado. Também, “pode haver momentos específicos nos quais a imprensa, apesar de bem-intencionada, tenha seu alcance controlado pelo bem da revolução.” Os críticos perguntam: controlada por quem? Eles apresentam outras objeções, incluindo objeções à defesa da revolução ser centralizada em um exército regular revolucionário. Dez anos depois, esta questão foi colocada na Espanha entre os militantes revolucionários e o contrarrevolucionário Exército do Povo.

Antecipando às críticas, os plataformistas buscaram minimizar o avanço atribuído ao fanatismo individualista. “Nós previmos que diversas representações de estilos próprios individualistas e anarquismos caóticos iriam nos atacar, espumando a boca e nos acusando de destruir os princípios anarquistas”. Ainda assim, eles foram atacados pelos mais proeminentes anarco-coletivistas: Voline, Malatesta Fabri, Nettlau e Berkman. (com uma manobra similar, porém ainda mais bruta, uma recente conversão ao organizacionismo, Bookchin denunciou seus próprios inimigos apontando-os como individualistas, apesar de David Watson, John Zerzan, L. Susan Brown e o resto deles, sem exceção, serem coletivistas). Os plataformistas são impertinentes sobre acusações de que a *Plataforma* está “a apenas um passo de distância do bolchevismo, um passo que os autores da *Plataforma* não têm coragem de dar”. (“Alguns Anarquistas Russos”) – mas o principal autor, Arshinov, deu esse passo retornando a Rússia stalinista em 1933 apenas para ser liquidado em 1937.

O fato da *Plataforma Organizacional* ser uma traição ao anarquismo é quase o menor dos seus problemas. Ela é fundamentalmente falsa em seu método histórico, postulando uma classe revolucionária imaginária, vagamente definida como uma presença histórica eterna e imutável – não como algo com coordenadas espaciais ou temporais reais, algo repetidamente auto-criado, mas nunca da mesma forma ou exatamente com o mesmo significado. Ela exige uma organização tão fortemente predisposta à oligarquia que deve ter sido desenvolvida para esse propósito. Ela oferece uma fórmula para a vitória concebida por perdedores. Acima de tudo, ela contraditoriamente demanda uma organização que é ao mesmo tempo inclusiva e ortodoxa. Ela não pode comandar a inclusão, mas pode impor a ortodoxia e claramente afirma que irá fazer isso. O resultado é mais uma facção. Um projeto com o propósito anunciado de eliminar a confusa